

Na herança do P. Caffarel

Desde o princípio, nos anos quarenta, o P. Caffarel e os primeiros casais tiveram como preocupação encontrar um meio, um método que os ajudasse a viver a santidade que é própria daqueles que celebram o sacramento do matrimônio. Tratava-se, naquela época, de uma novidade na história da espiritualidade e da santidade, que era sobretudo vista como um caminho *pessoal*, individual, que mesmo se vivido em Igreja, em comunidade e em família, se tratava de um caminho que cada um percorria necessariamente sozinho.

A solicitude pastoral pelo matrimônio e pela família sempre esteve presente na Igreja. Pouco anos antes de o P. Caffarel iniciar o discernimento, em conjunto com os primeiros casais, sobre o modo de conseguir que eles vivessem a santidade em casal, Pio XI tinha publicado, em 1930, a encíclica *Casti Conubii*. Mas aí fala-se sobretudo dos atentados contra o matrimônio e a família, no que diz respeito aos seus bens e aos seus fins, e aos crimes e ataques que vinham de fora e que punham em causa a validade destes bens e destes fins, os quais, no pensamento clássico da Igreja e em Pio XI, se encontram inscritos na natureza do matrimônio enquanto tal. Trata-se dos três bens que vinham já de Santo Agostinho – o bem dos filhos, o bem da fidelidade e o bem do sacramento. E os três fins: a educação dos filhos, a ajuda mútua e o remédio contra a concupiscência.

Tanto os bens como os fins constituem pontos de convergência para o casal que é levado a focalizar a sua atenção não em si mesmo ou em cada um deles, mas sim a focalizarem ambos a sua atenção no bem dos filhos e na sua educação. Neste sentido, o casal não pensava em si, nem tinha, de certo modo, tempo nem disposição para isso, mas apenas nos filhos, em função dos quais estavam tanto os bens como os fins do matrimônio. A santidade do casal e de cada um dos cônjuges articulava-se em torno destes bens e destes fins, para os quais os casais, marcados sobretudo pelo sentido da fidelidade, procuravam pautar a sua vida.

Mesmo quando ainda Pio XI deu origem à *acção católica*, organização tão importante na promoção da santidade de todos, esta era mesmo assim vista como um caminho essencialmente pessoal, mesmo se vivido em grupo ou em comunidade.

ENS - FORMAÇÃO - APARECIDA
4 de Julho de 2015

Esta tónica muito pessoal e individual de ver o processo de santificação dos cristãos em si mesma nada tem de negativo. Bem pelo contrário! De facto, a preocupação pela própria salvação e a busca dos meios e dos métodos mais eficazes para a alcançar é algo não apenas meritório, mas sobretudo necessário. O próprio Senhor nos diz: que vale ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois perde a sua alma (Mt 16,26)?

Actualmente, a procura da salvação individual e dos meios para a alcançar volta a ganhar alguma atenção junto das pessoas mais exigentes e que procuram frequentar retiros espirituais, segundo a metodologia dos exercícios espirituais de santo Inácio, onde o discernimento sobre o próprio caminho de salvação é um dos pontos essenciais, numa atmosfera de silêncio e de percurso pessoal da alma com Deus. Mesmo entre as Equipas de Nossa Senhora, conheço casais que fazem o retiro anual segundo o método dos exercícios espirituais de Santo Inácio, onde cada cônjuge segue o próprio ritmo, com grande benefício para ambos.

No entanto, a novidade do carisma do P. Caffarel, que ele descobriu juntamente com os primeiros casais, foi procurar um método que permitisse viver a santidade em casal, o amor conjugal segundo a riqueza espiritual que decorre da graça própria do matrimónio. Muitos se lamentavam, de facto, dizendo que «falavam de amor» e respondiam-lhes com a «família». E foi assim que progressivamente foram discernindo e descobrindo o método próprio do nosso Movimento, assente nos pontos concretos de esforço, que representam os pilares fundamentais em torno dos quais se constrói o edifício da santidade vivida em casal, que passa por viver santamente o amor conjugal.

O método das equipas de Nossa Senhora combina harmonicamente três dimensões fundamentais: a dimensão pessoal e a dimensão do casal, por um lado, pois o crescimento em casal depende do crescimento de cada um dos cônjuges, na medida em que cada um e os dois em conjunto são fiéis à graça do sacramento do matrimónio e, por outro, a vida em Equipa. Assim temos: a oração conjugal, o dever de se sentar, como momento do casal; a regra de vida, a oração pessoal, a leitura da sagrada Escritura, como momento pessoal; a missa dominical, como momento familiar; a reunião mensal e o retiro anual, o momento da equipa.

A presença, na Equipa, de um *conselheiro espiritual*, e o modo como nela é integrado, pois o Conselheiro Espiritual faz parte integrante da equipa e não é um simples assistente com a missão de garantir a ortodoxia e a ortopraxia da Equipa, traz um elemento

ENS - FORMAÇÃO - APARECIDA
4 de Julho de 2015

novo que caracteriza a espiritualidade e o método de santidade das Equipas de Nossa Senhora: o Movimento vive a espiritualidade e o método que decorre da relação entre os dois sacramentos, da ordem e do matrimónio, que têm de específico, que ambos, cada qual a seu modo, celebram o mistério esponsal de Cristo e da Igreja. Se, pelo sacramento do matrimónio, os cônjuges vivem o mistério esponsal de Cristo e da Igreja, de modo que o marido representa Cristo esposo e a esposa representa a Igreja, esposa de Cristo, o sacramento da Ordem celebra o mesmo mistério, embora noutra dimensão, na medida em que, porque o sacerdote representa *Cristo em pessoa como cabeça e esposo da Igreja*, então na Equipa celebra-se em profundidade o mistério esponsal de Cristo e da Igreja, sendo o Sacerdote a representação sacramental de Cristo esposo e os casais a representação da Igreja, esposa de Cristo.

Os bens e os fins do matrimónio concretizam-se todos na espiritualidade da Equipa: o bem da fecundidade espiritual e apostólica; o bem da fidelidade como vitória do amor sobre o tempo, na medida em que há um *para sempre* inscrito no momento em que a Equipa se constitui na reunião dos casais com o seu Sacerdote; e o bem do sacramento, neste caso do duplo sacramento que celebra o mesmo mistério da relação esponsal entre Cristo e a Igreja. Mas há também os fins: na busca do bem daqueles que o Senhor dá como membros da Equipa, de os conduzir todos a Deus, segundo a sua vocação, pois, na verdade, a Equipa não é um grupo de amigos, mas de irmãos, que procuram em tudo fazer a vontade de Deus, segundo a palavra da Mãe de Jesus nas bodas de Caná: fazei tudo o que Ele vos disser; há a ajuda mútua para que todos e cada um possam viver integralmente a sua vocação e ajudando-se também nas diversas circunstâncias e necessidades da vida; há o bem do *remédio da concupiscência*, porque os afectos purificados pela graça dos dois sacramentos, fazem com que seja possível viver o amor na sua perfeição oblativa, amando-se como irmãos que querem o bem uns dos outros por aquilo que eles são e não pelos benefícios que deles possam receber.

Temos aqui um programa e um método que o P. Caffarel e os primeiros casais descobriram procurando juntos e que antecipa de longe o que o Concílio Vaticano II e o magistério posterior vão propor para toda a Igreja. Não foi certamente por acaso que o P. Caffarel foi convidado a participar nos trabalhos do Concílio, como consultor para as questões do matrimónio e da família.

Mas um dos momentos mais altos na história da espiritualidade do nosso Movimento foi sem dúvida o encontro com Paulo VI em 1970, no qual o Papa expõe de um modo sistemático as grandes linhas da espiritualidade conjugal tal como o P. Caffarel e os primeiros casais a tinham pensado e consagrado na Carta de fundação de 1947. Esse encontro em Roma foi pensado pelo P. Caffarel como forma de apoiar Paulo VI na encíclica *Humanae Vitae*, publicada em 1968, toda ela dedicada ao *amor conjugal*, mas que, dado o contexto revolucionário desse ano em França e por toda a Europa (Maio de 68 em Paris), de sabor anarquista sobretudo no domínio moral, acabou por não ser aceite e mesmo rejeitada e, por conseguinte, talvez, nem sequer lida. Anos mais tarde, já como pontífice, S. João Paulo II retomou as intuições fundamentais da *Humanae Vitae* sobre o amor conjugal, desenvolvendo-as, não expressamente em referência à encíclica, mas indirectamente, nas catequese semanais que deram origem à sua *teologia do corpo*. O P. Caffarel estava de acordo com a encíclica *Humanae Vitae* e por isso mobilizou o Movimento para a grande peregrinação a Roma e o encontro com Paulo VI em 1970.

Gostaria de chamar a vossa atenção para dois pontos que me parecem fundamentais na *Humanae Vitae*.

Paulo VI recorda que qualquer problema que diga respeito à vida humana «deve ser considerado numa perspectiva que transcenda as vistas parciais - sejam elas de ordem biológica, psicológica, demográfica ou sociológica - à luz da visão integral do homem e da sua vocação, não só natural e terrena, mas também sobrenatural e eterna» (HV 7). Este princípio é fundamental, porque, na verdade, não tendo aqui morada permanente, se não tivermos o olhar posto na eternidade, para onde, quer queiramos quer não, quer acreditemos quer não, todos nos orientamos, podemos correr o risco de nos perdermos numa fruição asfíxiante e suicida do instante num ‘carpe diem’ sem sentido.

O segundo ponto é o modo como Paulo VI aborda o *amor conjugal*. Também aqui é necessário ter em conta o princípio fundamental de uma visão integral do homem que permite ver o amor na sua nobreza, quando for vivido em todas as suas dimensões, que, segundo Paulo VI, se podem dizer do seguinte modo: um amor plenamente *humano*, um *amor total*, um *amor fiel e exclusivo* e um *amor fecundo*.

Humano, porque ao mesmo tempo espiritual e sensível; total, porque é uma forma muito especial de amizade sem reservas indevidas nem cálculos egoístas, porque «quem ama verdadeiramente o próprio consorte, não o ama somente por aquilo que dele recebe,

mas por ele mesmo, por poder enriquecê-lo com o dom de si próprio» (HV 9); fiel e exclusivo até à morte, porque a fidelidade é a vitória do amor sobre o tempo; fecundo, porque por sua natureza própria e pela sua nobreza, está aberto à vida, quando expressão de uma entrega sem reservas. Os filhos são, na verdade, o dom mais precioso do matrimónio e é através da paternidade responsável que o homem e a mulher se tornam colaboradores de Deus na criação: Deus que nos criou sem nós não quer povoar a terra e o céu sem nós.

Considero verdadeiramente admirável que Paulo VI em poucos parágrafos tenha dito sobre o amor conjugal, mas que se suporta sobre o sentido profundo da *amizade*, o que há de melhor na história do pensamento. Cita quase textualmente o que Aristóteles diz na *Ética a Nicómaco*, segundo o qual amar é querer o bem da pessoa que se ama, por aquilo que ela mesma é e não por aquilo que dela possamos receber: «querer o bem do outro pelo que ele é e não por aquilo que dele quem ama pode receber»¹.

No séc. XVIII o filósofo alemão Hegel dava uma definição semelhante quando dizia que amar alguém pode traduzir-se na seguinte expressão: é o desejo do desejo de ser desejado.

Paulo VI coloca-se, portanto, no plano profundamente antropológico de uma fenomenologia do amor, do amor conjugal, certamente, mas também de todo o amor que seja digno desse nome: gostar de alguém por aquilo que ele é e não por aquilo que ele possa dar e por isso será um amor pessoal, plenamente humano em todas as suas dimensões sensíveis e espirituais, único, exclusivo, oblativo e fecundo.

Se ficássemos por aqui, num plano meramente filosófico, poderíamos dizer como Aristóteles reconhece que é raro encontrar homens que vivam assim a amizade neste ideal de perfeição², porque este ideal é humanamente quase impossível. Mas aqui é que vem em auxílio a espiritualidade conjugal. A graça do matrimónio consiste na assistência divina, no dom do Espírito santo que torna possível aquilo que humanamente é impossível, segundo a palavra de Jesus: aos homens é impossível, mas não a Deus (Mt 19,26).

¹ ARISTÓTELES, *Ética a Nicómaco*, VIII,3,1156b 10.

² Cf. ARISTÓTELES, *Ética a Nicómaco*, VIII,3,1156b 25.

ENS - FORMAÇÃO - APARECIDA
4 de Julho de 2015

A espiritualidade conjugal, segundo o método do nosso Movimento, visa ajudar a criar as condições para que seja possível viver o amor conjugal deste modo, precisamente na conjugação dos dois carismas e das duas graças que decorrem da união dos dois sacramentos, da Ordem e do matrimónio. O celibato sacerdotal, uma forma de viver o amor oblato, ajuda os casais a viverem o seu amor *castamente*, ou seja, oblativamente, no respeito pelo que o outro é e não por aquilo que ele possa dar, e aqui está o sentido da redenção da lógica do desejo, que de amor concupiscível se torna amor ablativo e fecundo; por sua vez, o amor conjugal, oblativo e fecundo ajuda o amor virginal do sacerdote a perceber que também ele deve ser fecundo, daquela fecundidade espiritual do amor oblativo e puro que ajuda os outros a crescer em Deus e para Deus.

O discurso de Paulo VI aos casais reunidos na Basílica de S. Pedro foi a confirmação da importância do carisma das Equipas de Nossa Senhora que viviam a espiritualidade conjugal na certeza de que, como dizia Paulo VI, «Deus não é o inimigo das grandes realidades humanas»³. Retomando a doutrina da encíclica *Humanae Vitae* sobre o amor conjugal, Paulo VI recorda que «não há nenhum amor conjugal que não seja, na sua exultação, um impulso para o infinito, e que não se queira, neste impulso, total, fiel, exclusivo e fecundo»⁴. Os casais cristãos, e as equipas são uma das suas melhores expressões, «hão-de abrir-se à esperança, na certeza de que todos os recursos da graça da Igreja aí estão para os ajudar a se encaminharem para a perfeição do seu amor»⁵. Por isso, conclui Paulo VI, o Movimento das Equipas de Nossa Senhora representa uma nova primavera para a Igreja e para o mundo⁶.

Estas palavras animadoras e proféticas de Paulo VI proferidas perante dois mil casais no dia 4 de Maio de 1970 na Basílica de S. Pedro continuam válidas e ainda mais, se assim podemos dizer, nos dias de hoje, nos quais assistimos a um ataque sistemático à constituição do casal em matrimónio de um homem e de uma mulher, bem como e consequentemente à família em geral e à família cristã em geral. Temos todos de estar conscientes e, por isso, bem vigilantes perante o perigo que representa para o presente e para o futuro da humanidade a actual ideologia do género, com todas as suas ramificações

³ O texto de Paulo VI encontra-se na antologia organizada por Jean et Annick ALLEMAND, *Les Équipes Notre Dame. Essor et mission des couples chrétiens* (Paris 1988) 104.

⁴ J. ALLEMAND, *Les Équipes*, 112.

⁵ J. ALLEMAND, *Les Équipes*, 130.

⁶ Cf. J. ALLEMAND, *Les Équipes*, 133.

ENS - FORMAÇÃO - APARECIDA
4 de Julho de 2015

e expressões. Estamos perante uma questão de vida ou de morte e por isso devemos estar alerta, porque a hora é de combate em campo aberto de batalha!...

O carisma e a espiritualidade das Equipas de Nossa Senhora, tal como o P. Caffarel e os primeiros casais o sonharam e delinearão e que se encontra na Carta das Equipas com a data de 8 de Dezembro de 1947, continua válido, na sua totalidade, na sua constituição e nos seus pontos de esforço. As Equipas são chamadas a ser um testemunho vivo de como é possível viver a santidade em casal e em família, tomando a sério o mistério e a graça do sacramento do matrimónio.

Ora o sacramento do matrimónio, tanto no modo como S. Paulo lê este *mistério* como no modo em que S. João o faz, é a celebração eficaz e o sinal vivo deste mistério de Cristo e da Igreja, que vivem um amor *esponsal* plenamente humano e divino, de um amor uno, exclusivo, indivisível, oblato e fecundo, qualidades que a mentalidade mundana actual não entende e por isso não aceita. Mas, não entendendo nem aceitando, se o mundo actual daqueles que recusam viver o amor deste modo ao menos ainda fossem felizes?! A verdade, porém, é que não aceitando viver o amor deste modo, como se colhe na contemplação da hora da consumação do amor em S. João ou no modelo de espiritualidade conjugal que nos apresenta S. Paulo, o que acontece no mundo de hoje é a calamidade do adultério, do divórcio e do aborto em larga escala, tendo como resultado a infelicidade dos homens e das mulheres e as patologias psicológicas, morais e espirituais de todo o género, das quais a depressão e a acédia são as manifestações mais evidentes. O mundo actual está mortalmente doente, porque os homens e as mulheres não querem viver o amor que salva, que liberta, aquele que só é possível viver no mistério de Cristo e da Igreja.

Aristóteles, ao meditar sobre a autêntica amizade, reconhecia que é raro encontrar alguém que ame o outro querendo-lhe bem pelo que ele é e não por aquilo que dele pode receber⁷.

Mas aquilo que é raro entre os homens, porque aos homens é impossível, como Jesus diz no evangelho, referindo-se precisamente a esta relação entre o homem e a mulher e ao ideal do matrimónio que os discípulos haviam de viver, conclui: mas ao que aos homens é impossível, não é impossível a Deus. Por isso a regra entre os cristãos devia

⁷ Cf. ARISTÓTELES, *Ética a Nicómaco*, VIII,3,1156b 25.

ENS – FORMAÇÃO – APARECIDA
4 de Julho de 2015

ser a de viver o amor e o amor conjugal à maneira de Jesus: *amai-vos uns aos outros como Eu vos amei*. Mas isso só é possível se vivermos no Senhor.

Foi neste sentido que o P. Caffarel e os primeiros casais chegaram progressivamente não só a tomarem como padroeira *Nossa Senhora* (Casais/Equipas de Nossa Senhora), para viverem na lógica da ordem por ela dada nas bodas de Cana – *fazei tudo o que Ele vos disser* -, mas também a chegarem à formulação do método do nosso Movimento – os pontos concretos de esforço – pelo qual, se os casais forem fiéis, podem colocar-se no caminho que os conduz à vivência da perfeição do amor, à imagem de Cristo e da Igreja, do qual os casais, unidos pelo sacramento, são sinal vivo e eficaz.

É urgente que os nossos casais redescubram, se porventura tenham esmorecido no seu entusiasmo, ou vivam ainda mais intensamente a graça do sacramento do matrimónio, indo assim ao encontro do que o sínodo dos bispos se propõe: que os casais e as famílias vivam intensamente o mistério do sacramento do matrimónio; redescubram a eficácia terapêutica da absolvição sacramental, experimentando o que representa em cada um de nós e nos casais escutar a palavra do perdão que a Igreja, através do ministério sacerdotal, nos diz, de modo que sejam os casais e o nosso Movimento concretamente, não apenas um sinal de esperança, mas um fermento eficaz de renovação do nosso mundo à imagem de Cristo e da Igreja. Para isso nos ajude a graça do Senhor e nos proteja a Virgem Santíssima, a de Fátima e a de Aparecida, de modo a que todos os dias possamos, sob a sua protecção, «fazer tudo o que Ele nos disser».

P. José Jacinto Ferreira de Farias, scj

Aparecida, 4 de Julho de 2015